



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

MARTA GENÚ SOARES

(depoimento)

2013

CEME–ESEF–UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-338

Entrevistada: Marta Genú Soares

Nascimento: 06/05/1960

Local da entrevista: Lapex, ESEF, UFRGS, Porto Alegre – RS

Entrevistador: Pamela Siqueira Joras

Data da entrevista: 02/08/2013

Transcrição: Natália Ferreira

Copidesque: Silvana Goellner

Total de gravação: 5 minutos e 41 segundos

Páginas Digitadas: 2

Observações: A entrevista foi revisada pela entrevistada que fez pequenas alterações gramaticais

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Apresentação; ingresso no programa Segundo Tempo; Mediação entre realidade percebida e conhecimento acadêmico; Diálogo e enfrentamento de questões entre equipe e instituições; Possibilidade de dar um sentido para a vida das crianças e dos jovens beneficiados pelo Programa.

Porto Alegre, 02 de agosto de 2013. Entrevista com Marta Genú Soares a cargo da pesquisadora Pâmela Siqueira Joras para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

M.S.– Eu sou Marta Genú Soares, sou professora titular da Universidade do Estado do Pará. Tenho doutorado em Educação e venho trabalhando com o PST há algum tempo já; o que tem sido uma experiência muito enriquecedora, no diálogo entre a elaboração do conhecimento, a sistematização desse conhecimento e a efetivação no campo extensivo, nesse caso, junto aos municípios. Então acho que tem sido um trabalho rico entre o diálogo que a gente tem feito: as instituições de ensino superior e os órgãos oficiais, no caso, o Ministério do Esporte.

P.J.– Professora Marta, como a senhora entrou para o Programa Segundo Tempo? Em que ano mais ou menos?

M.S.– Então...Eu ingressei no Programa final de 2010 e as atividades se efetivaram já com as visitas no início de 2011.

P.J.– E como é que a senhora teve o primeiro contato?

M.S.– Bom, eu conheci o Programa como agente externo, como apreciadora do programa nas escolas, por meio do Programa Mais Educação e o macro campo esporte e lazer. E comecei a entender o Segundo Tempo quando fui convidada pelo professor José Pereira de Melo e pelo professor Alisson Carvalho de Araújo para conhecer, me aproximar do Programa e conhecer o seu funcionamento; a partir daí, eles me indicaram para compor a Equipe Colaboradora 23, que é Maranhão, Pará, Piauí e Amapá. Então, desde 2011, eu já ingresso como vice-coordenadora da EC-23, o coordenador é o professor Sérgio¹.

P.J.– Tem alguma coisa que tu gostarias de destacar sobre o Segundo Tempo, que tu achas importante?

¹ Sergio Augusto Rosa de Souza.

M.S.– Bom, primeiro é a possibilidade de acessar os jovens e as crianças ao esporte numa perspectiva que não é a da lógica da política econômica estabelecida, mas na perspectiva da construção do conhecimento para a transformação social. Eu acho que isso tem sido muito rico no Segundo Tempo. E aí a gente tem discutido nos mais diferentes municípios e nos convênios, que estão onde nem sequer nossa imaginação possa chegar, com realidades muito precarizadas de exclusão social, de marginalização dessas crianças, desses jovens e, pela discussão que a gente faz entre as Equipes Colaboradoras e a possibilidade de ter a produção do conhecimento nas academias, efetiva as diretrizes do Programa nessa prática. Então, a gente trabalha com duas terminalidades e isso é muito dialético. A gente trabalha com uma realidade concreta, que está longe do que é idealizado nas diretrizes, mas a gente tem as diretrizes, que são sustentadas por uma produção acadêmica, por uma permanente atualização conceitual do esporte e da construção das práticas. Então, esse contraste é que é o ponto mais rico do Segundo Tempo. É ver como é que a gente faz a mediação entre o que está posto na realidade e o que é construído na academia.

P.J. – Tem mais alguma história ou algum fato que tu queiras acrescentar nessa tua experiência com o PST?

M.S.– Bom, entre as equipes, entre o recurso humano, que dirige, que acompanha, que avalia, o que é importante enfatizar é o diálogo honesto, sincero e o enfrentamento das diferenças. Isso tem sido o diferencial nas equipes colaboradoras com a gestão, com o Ministério do Esporte. O enfrentamento das diferenças e dos obstáculos e a necessidade de superação dessas questões. Nos convênios, nas realidades que a gente... A realidade é só uma, mas a interpretação, ela se multiplica, por isso eu usei a expressão realidades, mas eu tenho claro que a realidade é uma só, mas como a gente representa é que varia e muito. Então nesses convênios e nas cidades, a carência humana que a gente percebe nos olhos das crianças e a possibilidade de significar, de dar um sentido para essa vida social das crianças, por meio do Segundo Tempo, isso tem sido muito rico.

P.J. – Então, professora Marta, agradecemos a colaboração da senhora. Muito obrigada.

M.S.– Obrigada você.

[FINAL DO DEPOIMENTO]